



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS

ALINE NATALY XAVIER DE SOUZA
LARISSA LEAL PONTES

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA POR
IMIGRANTES/DESCENDENTES JAPONESES**

São Caetano de Odivelas
2024

ALINE NATALY XAVIER DE SOUZA

LARISSA LEAL PONTES

**O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA POR
IMIGRANTES/DESCENDENTES JAPONÊSES**

Trabalho apresentado ao curso de Letras –
Língua Portuguesa, da Universidade Federal
do Pará – Campus de Castanhal, como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Língua Portuguesa.
Orientadora: Prof.^a Ma. Inéia Damasceno
Abreu

São Caetano de Odivelas
2024

O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA POR IMIGRANTES/DESCENDENTES JAPONESES

ALINE NATALY XAVIER DE SOUZA¹

LARISSA LEAL PONTES²

INEIA DAMASCENO ABREU³

RESUMO: Este trabalho versa sobre como a exposição à língua e a interação com falantes nativos influenciam no processo de aquisição e aprendizagem de uma Segunda Língua (L2). O objetivo deste estudo é investigar o processo de aquisição de uma L2, focando em compreender como os indivíduos desenvolvem habilidades linguísticas em um contexto não nativo. Além disso, busca-se também evidenciar quais os principais fatores que influenciam no processo de aquisição de uma L2. Ademais, para esta pesquisa foi utilizada a abordagem teórico-metodológica qualitativa de cunho etnográfico, em que foram realizadas entrevistas presenciais e online com imigrante japonês e descendentes de japoneses, falantes dos idiomas português e japonês. O presente trabalho se baseia nos estudos de Krashen (1981), Figueiredo (1995) e Lima (2011) sobre o processo de aquisição da linguagem, no entanto, abordaremos especificamente o processo da aquisição de uma L2. Assim sendo, dentre os principais resultados dessa pesquisa, destaca-se a forma como os falantes adquirem a L2, podendo ocorrer de forma natural ou formal. Além do mais, foi possível perceber a influência linguística e cultural dos japoneses no Brasil, particularmente no estado do Pará, o que contribui para a diversidade linguístico-cultural do país.

Palavras-chave: Aquisição. Segunda língua. Imigrantes Japoneses.

ABSTRACT: This work focuses on how exposure to language and interaction with native speakers influence the process of acquiring and learning a Second Language (L2). The objective of this study is to investigate the process of acquiring a L2, focusing on understanding how individuals develop linguistic skills in a non-native context. Furthermore, we also seek to highlight the main factors that influence the process of acquiring an L2. Besides, for this research a qualitative theoretical-methodological approach of an ethnographic nature was used, in which face-to-face and online interviews were carried out with Japanese immigrants and descendants, speakers of portuguese and japanese. The present work is based on studies by Krashen (1981), Figueiredo (1995) and Lima (2011) on the language acquisition process, however, we will specifically address the process of acquiring an L2. Therefore, among the main results of this research, the way speakers acquire L2 stands out, which can occur naturally or formally. Moreover, it was possible to perceive the linguistic and cultural influence of the Japanese in Brazil, particularly in the state of Pará, which contributes to the country's linguistic-cultural diversity.

¹ Graduanda da turma de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal – e-mail: aline.xavier.souza@castanhal.ufpa.br

² Graduanda da turma de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal – e-mail: larissa.pontes@castanhal.ufpa.br

³ Professora adjunta da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal – email: ineia@ufpa.br

Keywords: Acquisition. Learning. Second language. Japanese immigrants. Linguistic-cultural diversity.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar o processo de aquisição de uma segunda língua (L2) que é um campo vasto e complexo e que tem sido estudado há muito tempo. Uma das teorias mais influentes nessa área e que será utilizada neste estudo é a proposta por Stephen Krashen, um linguísta e educador norte-americano especialista em aquisição e desenvolvimento da linguagem. Krashen (1981) delinea um modelo compreensível da Aquisição de Segunda Língua (ASL) em que argumenta que aquisição e aprendizagem são processos distintos quando se está aprendendo uma segunda língua. O autor destaca que a aquisição ocorre de maneira inconsciente e de forma natural, uma vez que o indivíduo está inserido no ambiente da língua-alvo. Por outro lado, Krashen ressalta que a aprendizagem de uma L2 ocorre de forma consciente e de modo formal, acontecendo na sala de aula onde o aprendiz busca aprender as regras da língua-alvo e decorar vocabulários. Em suma, para Figueiredo (1995), a aquisição está para ‘usar’ a língua, assim como a aprendizagem está para ‘saber’ as regras funcionais da língua” (Figueiredo, 1995, p. 44).

A problemática central deste estudo destina-se a entender de que forma a exposição a uma língua e a interação com falantes nativos impactam a aquisição da segunda língua. Sob esse viés, esta pesquisa teve como objeto o processo de aquisição da L2 com foco em imigrantes e descendentes de imigrantes japoneses no Brasil e, a partir desse objeto, o artigo propõe-se a entender como essas pessoas aprendem a L2, incluindo as estratégias utilizadas, as dificuldades enfrentadas e os fatores que influenciam esse processo de aquisição. Ademais, objetiva-se compreender os mecanismos que contornam o processo de aquisição de uma L2, para isso, busca-se identificar fatores determinantes como idade, ambiente linguístico, a motivação e a exposição à língua-alvo. Além disso, exploraremos o papel da interação social e da comunicação na aquisição da L2 e os desafios enfrentados por aprendizes quando a L2 é significativamente distinta da sua língua materna (L1), uma vez que a questão de pesquisa que orienta esse estudo é saber quais são os fatores que influenciam o processo de aquisição da L2 por aprendizes em um ambiente não nativo.

Neste sentido, este estudo surgiu a partir de nossa experiência no projeto de pesquisa da Universidade Federal do Pará (UFPA), do Campus de Castanhal, intitulado “Português como Língua Não Materna: A formação do professor de português para a diversidade linguística e cultural”, e por termos um pouco de contato com imigrantes japoneses nos municípios de Tomé-

Açú/Pa, município que concentra bastante imigrantes, e nos municípios de Santo Antônio do Tauá/Pa e Peixe-Boi/ Pa, nossas cidades natais.

Portanto, inicialmente falaremos sobre o que motivou a imigração japonesa para o Brasil e posteriormente para o estado do Pará. Exploraremos também a presença e a influência da comunidade japonesa no Brasil e no Pará e, a partir disso, discutiremos a influência japonesa na diversidade linguística-cultural paraense, para isto, analisaremos o fenômeno do plurilinguismo no Brasil e de que forma a cultura japonesa contribui para esse cenário. Em seguida, abordaremos a aquisição da linguagem tendo como embasamentos principais os estudos de Krashen (1981), Figueiredo (1995) e Lima (2011) e traçaremos a metodologia empregada na construção da pesquisa. Por fim, apresentaremos a discussão e a análise dos dados obtidos, o que resulta nas considerações finais sobre o processo de aquisição e a influência de uma L2.

2 COMUNIDADE JAPONESA NO PARÁ

2.1 A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

No período da metade do século XIX, Brasil e Japão passavam por uma situação sociopolítica econômica delicada. No Brasil, em decorrência da abolição da escravatura, ocorreu uma crescente falta de mão de obra nos cafezais e, na tentativa de suprir essa necessidade, os produtores de café buscaram em outros continentes essa mão de obra. Antes da abolição da escravatura, o Brasil já tinha tentado buscar mão de obra na Europa, porém, por haver péssimas condições de trabalho e de vida, oferecidas pelos donos de cafezais, alguns países, como a França, passaram a impedir que seus cidadãos emigrassem para o Brasil em busca de trabalho em cafezais. Diante dessas situações, os cafeicultores viram na Ásia a possibilidade de buscar nos imigrantes a mão de obra para a colheita do café.

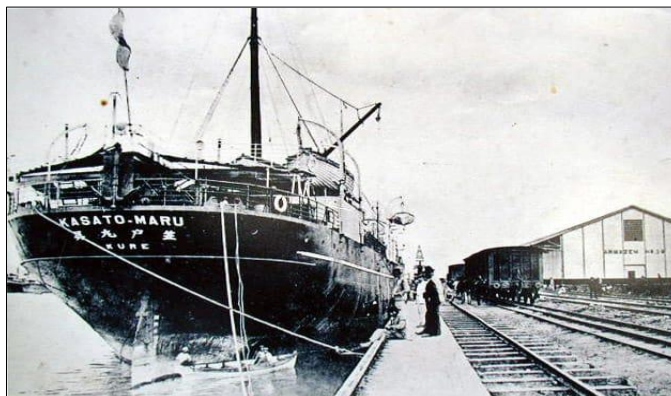
Enquanto isso, no Japão, o país havia ficado isolado do mundo por mais de 200 anos durante a dinastia EDO (1603 – 1868), que foi o período em que o Japão foi governado pelos *xóguns* da família *Tokugawa* (Saito, 2011). Durante esse período, o Japão se fechou ao mundo e viveu um período sem guerras, sem epidemias trazidas de fora do país e sem a entrada de imigrantes. No entanto, o Japão, por ser um arquipélago, ou seja, um conjunto de ilhas, suas únicas fronteiras são com o mar, logo, em decorrência do país ficar fechado para o mundo, em algum momento seu território ficaria pequeno para abrigar sua população, e foi isso o que veio a ocorrer no final do século XIX.

Em 1868, ocorreu o declínio da Era feudal (Era EDO), e aconteceu a restauração *Meiji* (1868 – 1912), nesse período, o Japão, que passava por uma modernização na Agricultura,

passou a sofrer com o desemprego e a solução que os governantes viram foi acelerar o incentivo à emigração de seus habitantes para o exterior. Os termos do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre o Brasil e o Japão, que foi assinado em 1895 e facilitou a imigração japonesa para o Brasil e marcou definitivamente uma jornada histórica de dois países que ainda não se conheciam formalmente. Esse acordo preliminar sobre os procedimentos de imigração japonesa para o Brasil foi assinado em 6 de novembro de 1907 entre a Companhia Imperial Japonesa de Imigração, em Tóquio, e o Governo do Estado de São Paulo.

A imigração dos japoneses no Brasil ocorreu no século XX, no ano de 1908, quando uma leva de imigrantes chegaram a bordo do navio *Kasato Maru*. O navio transportou 781 pessoas que foram distribuídas em 6 fazendas no interior de São Paulo. Os 781 imigrantes vieram de diversas províncias, como Fukushima, Tóquio, Kumamoto, Ehime, Hiroshima, Kochi, Niigata, Yamaguchi, entre outras (Saito, 2011).

Figura 1 – Navio que trouxe os primeiros imigrantes



Fonte: <https://www.imigracaojaponesa.com.br>

Após desembarcar no porto de Santos, os imigrantes seguiram para São Paulo, onde ficavam em uma hospedaria para imigrantes até a determinação do local de trabalho de cada família. Os primeiros imigrantes partiram para as seis fazendas mais importantes do estado de São Paulo: Fazenda Dumont (alocou 51 famílias), Fazenda Guatapará (23), Fazenda São Martinho (27), Fazenda Sobrado (15), Fazenda Floresta (24), Fazenda Canaã (24) e dez imigrantes permaneceram em São Paulo.

Esses imigrantes eram humildes, camponeses, pobres e que depositaram no Brasil a sua esperança por uma mudança de vida e ter uma vida melhor, com isso vieram com a intenção de trabalhar muito no Brasil e conseguir bastante dinheiro para retornar ao seu país de origem e ter uma vida melhor no Japão.

Para incentivar os japoneses a virem para o Brasil, as empresas responsáveis pela imigração investiram em propagandas que incentivassem os japoneses ao desejo de imigrar. Uma das propagandas chamava a árvore de café de “árvore que dá ouro”, pois diziam que a

árvore “[...] era tão produtiva que uma família seria capaz de colher 9 sacos de 50 Kg por dia e receber em dois dias de trabalho o equivalente ao salário mensal de um policial no Japão.” (Abreu, 2022, p. 50), entretanto, o choque de realidade ao chegar ao Brasil frustrou as expectativas dos japoneses, pois o cenário que encontraram era outro, a plantação de café já não estava tão produtiva quanto diziam, o que resultava em uma colheita pouco produtiva durante o dia.

A moradia para os imigrantes nas fazendas ficava por conta dos cafeicultores e, com isso, logo surgiu a primeira frustração dos imigrantes. As moradias eram as antigas senzalas onde ficavam os escravizados que eram explorados nas fazendas, essas senzalas tinham péssimas condições para habitação, como afirma Abreu (2022), “[...] Entretanto, os alojamentos nada mais eram que as antigas senzalas, feitas de barro ou madeira, sem piso, móveis, água, esgoto ou sequer divisórias, abandonadas e sem manutenção há 20 anos, desde a abolição da escravidão no Brasil. [...]” (Abreu, 2022, p. 50). Como a casa que era cedida aos imigrantes não tinha luz, eles tinham que comprar velas no armazém da própria fazenda, onde tinham que comprar também sua alimentação que era vendida por preços abusivos (Abreu, 2022). A alimentação foi outro desafio que os japoneses tiveram que enfrentar, haja vista que, são culturas muito diferentes, os imigrantes não eram acostumados a comer os alimentos que eram vendidos nos armazéns das fazendas, com isso eles passaram a adoecer e ter desnutrição, pois não estavam se alimentando bem. Ademais, os imigrantes cumpriam uma longa jornada de trabalho onde eram vigiados por capatazes para impedir que eles deixassem de cumprir essa jornada, como bem afirma Abreu (2022), “[...] Além disso, eram vigiados constantemente por capatazes, que impunham uma pesada jornada de trabalho, que ultrapassava as 12 horas.” (Abreu, 2022, p. 51).

Portanto, ao se darem conta de que estavam adoecendo e que não estavam tendo lucros com o trabalho nos cafezais, a maioria dos japoneses resolveu romper com o contrato e deixar as fazendas de café, após esse rompimento, segundo Takahashi (2008), “Dos 781 imigrantes do Kasato Maru, menos de 200 seguiam nos cafezais um ano e três meses depois da chegada.” (Takahashi, 2008, p. 3).

2.2 A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO PARÁ

No início do século XIX, o Brasil passava por um momento importante para a economia do país, mais conhecido como “Ciclo da Borracha”. Esse acontecimento se deu na região Amazônica, sobretudo no estado do Acre, que, nesse período, fazia parte do

território boliviano. Com isso, o governo brasileiro realizou um acordo com o governo da Bolívia chamado “Tratado de Petrópolis”, como cita Homma (2016):

A assinatura do Tratado de Petrópolis anexou o atual Estado do Acre à soberania brasileira, pela ação de José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845–1912), Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores (1902–1912). Essa é a mais conhecida obra diplomática do Barão do Rio Branco, cujo nome foi dado à capital do Estado do Acre. (Homma, 2016, p.22)

Como registra Homma (2016), o Tratado de Petrópolis tinha como principal objetivo facilitar o escoamento da borracha, além de outras mercadorias daquela região para que pudessem ser embarcadas e transportadas até o Rio Amazonas, para que assim fosse exportada para fora do Brasil. Em vista disso, muitas pessoas se deslocaram para a região Amazônica. Dentre essas pessoas estavam incluídos alguns imigrantes japoneses, como cita Hitotuzi (2019):

Deste modo, muitos dos imigrantes japoneses que tinham o Peru como destino, desde o primeiro contingente, iniciado em 1899, prosseguiram anteriormente a imigração oficial no Estado do Amazonas, em 1929, se mudando para a Amazônia brasileira e para o sul do país (Hitotuzi, 2019, p.22).

Além desse fato, Homma (2016) relata que já havia registros em jornais antigos, da presença de japoneses na região amazônica, o autor diz que “Outro foco da entrada dos japoneses nos estados do Amazonas e Pará está relacionado com a vinda de artistas circenses e de lutadores de judô, que tiveram grande influência na disseminação dessa modalidade de luta no País.” (Homma, 2016, p. 23), isto é, já havia registros de japoneses na região amazônica bem antes da data da imigração oficial.

Diante disso, podemos perceber que a chegada dos japoneses na Amazônia ocorreu de formas variadas, trazendo sua cultura, que com o tempo foi se misturando com a cultura brasileira, tanto a culinária, quanto o esporte e que com o tempo foram se espalhando por todo o país. Após esse período, o governo do Brasil continuou fazendo acordo com o governo japonês para trazer ao país novos imigrantes. Segundo Silva Neto (2007) a chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Estado do Pará ocorreu oficialmente no dia 17 de setembro de 1929, com a chegada do navio Manila Maru. Esses imigrantes vieram ao Pará com destino a Acará, onde foi fundada a Colônia de Tomé Açú, para trabalharem com a agricultura, como podemos observar:

Os primeiros imigrantes foram instalados numa colônia agrícola implantada por uma empresa japonesa em Tomé-Açu. Ao longo dos anos, seja por causa das dificuldades encontradas na lavoura ou, simplesmente, em virtude de problemas de adaptação, os imigrantes se dispersaram pelo Estado do Pará ou, então, foram procurar oportunidades em outros estados. Muitos dentre eles se estabeleceram em Belém. (Silva Neto, 2007, p. 39)

Assim, os japoneses se instalaram e fundaram a Colônia de Tomé-Açu e logo mais foram migrando para outros municípios do Estado do Pará até os dias atuais, levando suas crenças, saberes, linguagem, isto é, suas riquezas culturais, que seguem presente por todas as regiões brasileiras.

2.3 A PRESENÇA DA CULTURA JAPONESA NO PARÁ E SUA IMPORTÂNCIA NA CRIAÇÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL PARAENSE

Para abordar a aquisição da linguagem de maneira eficaz, é essencial considerar o papel fundamental da cultura e da diversidade linguística. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um reflexo e um veículo da cultura na qual está inserida. Assim, compreender as variáveis culturais e a diversidade linguística é crucial para entender como as pessoas aprendem e se desenvolvem linguisticamente. Neste contexto, exploraremos como esses fatores interagem e influenciam o processo de aquisição da linguagem.

2.3.1 Plurilinguismo no Brasil.

A diversidade linguística no Brasil reflete sua rica história e a coexistência de diferentes culturas. Embora o português seja a língua dominante, as línguas indígenas, africanas e de imigrantes ainda desempenham um papel vital na identidade cultural do país.

No Brasil, são faladas por volta de 210 línguas, ainda que se tenha o português como língua oficial e mais falada no país. O grupo de línguas indígenas (autóctones) contam com cerca de 180 línguas, dentre elas o *Guarani*, *Tikuna*, *Yanomami*, *Kaingáng*, entre outras. Tem também as línguas imigrantes (alóctones), como as línguas alemã, italiana, japonesa, polonesa, árabe e outras. As línguas africanas, que embora extintas, sobrevivem no léxico e em práticas sociais diversificadas dos descendentes dos antigos escravos (Oliveira, 2009, p. 19).

De acordo com Meyer (2016), há também a língua brasileira de sinais, uma vez que para os surdos, a língua portuguesa não é tida como sua primeira língua, eles a aprendem como a sua segunda língua, ou seja, aprendem a língua portuguesa para viver em sociedade, nesse caso uma sociedade em que a sua maioria fala o português.

2.3.2 A influência cultural japonesa no Pará

Há mais de noventa anos, 189 imigrantes japoneses chegaram a Belém, trazendo consigo uma nova cultura, língua, costumes e crenças que, até hoje, conquistam e se integram cada vez mais ao cotidiano dos paraenses. O povo japonês é muito conhecido pela sua gastronomia, a qual, é amplamente apreciada pelo paladar paraense. Além da culinária, a cultura japonesa também deixou sua marca em outros aspectos no cotidiano paraense, como nos esportes com artes marciais Judô e Jiu-Jitsu, atividades esportivas bastante valorizadas pelos paraenses.

Ademais, a comunidade japonesa no Pará promove diversos festivais abertos ao público que oferecem a oportunidade de conhecer melhor a cultura oriental japonesa. Esses eventos incluem apresentações culturais, danças, culinária, música e outras manifestações culturais.

Figura 2 – II Festival Brasil Japão na Casa de Cultura da UFPA, em Salinópolis/PA.



Fonte: Página Consulado do Japão em Belém, via Instagram.

Segundo Abreu, “A Associação Nipo-Brasileira promove, com frequência, festivais, onde são apresentadas além da culinária, danças, jogos e músicas japonesas. Tais festivais são abertos a toda a comunidade, não só para os descendentes de japoneses. (Abreu, 2022, p.57), ou seja, além de trazer um pouco do Japão para os descendentes e imigrantes que moram no Brasil, promove também uma aproximação dos brasileiros com a cultura japonesa, a qual pode ser conhecida por meio de várias formas, não só pela culinária.

De acordo com Abreu “Toda a história da imigração japonesa no Brasil nos mostra como é importante a presença desse povo, juntamente com sua língua e cultura na formação

linguístico-cultural do Brasil.” (Abreu, 2022, p. 57), isso significa que as comunidades japonesas no Pará desempenham um papel crucial na diversidade linguística e cultural do estado, enriquecendo ainda mais seu panorama cultural.

3 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Na hipótese da aquisição no aprendizado de uma segunda língua (L2) existem duas formas independentes de se desenvolver a habilidade linguística, sobre essas duas formas, Krashen (1985), diz que:

The Acquisition-Learning Hypothesis There are two independent ways of developing ability in second languages. 'Acquisition' is a subconscious process identical in all important ways to the process children utilize in acquiring their first language, while 'learning' is a conscious process that results in 'knowing about' language (Krashen, 1985, p. 79).

Nesse sentido, segundo Lima (2011), “O processo de aquisição de uma L2 é referido como sendo aquele que se assemelha ao de um aprendiz que está em contato com outra cultura e língua e estando geograficamente na região onde a língua é falada como língua nativa (doravante L1).” (Lima, 2011, p. 64). Portanto, na aquisição, o modo como aprendemos a língua é de forma natural, em um processo inconsciente em que as regras e a gramática que aprendemos na escola não ajudam muito durante esse processo.

Para Krashen (1985), “somente a língua adquirida é disponível para a comunicação espontânea, pois saber as regras de uma língua não faculta o seu uso.” (Krashen, 1985 apud Figueiredo, 1995, p. 49). Nesse caso, trata-se de uma fase involuntária, espontânea e inconsciente, na qual o indivíduo desenvolve habilidades linguísticas por meio da interação social com a família e no contato com as pessoas presentes em seu convívio diário. Sobre isso, Azevedo (2017) lança mão dos estudos de Schütz (2006) e diz que esse processo é semelhante ao da aquisição da L1, pois envolve uma comunicação eficaz na qual a criança entende e se faz entender pelos outros, mesmo sem ter frequentado a escola ou estudado sobre a língua (Azevedo, 2017, p. 8). Dessa forma, a linguagem é adquirida de forma inconsciente, sem o uso de regras linguísticas, sendo, portanto, semelhante à forma como as pessoas adquirem a sua língua materna.

Por outro lado, a hipótese da aprendizagem declara que há um processo consciente pelo qual adquirimos os elementos de um idioma. Para tanto, Krashen (1985) afirma que, no que diz respeito a aprendizagem, ela está ligada ao entendimento consciente de uma L2, incluindo o conhecimento das regras, a consciência delas e a capacidade de discuti-las. Ou seja, esse

processo ocorre quando, ao aprender uma L2, o faz de maneira formal e sistemática, em que são estudados determinados conteúdos gramaticais e vocabulário de uma L2 que se deseja aprender, para somente após esses estudos, que normalmente são realizados em sala de aula, fazer a aplicação desse conhecimento em um ato de comunicação.

Esse processo ocorre de maneira contrária ao processo de aquisição, pois no processo de aquisição a pessoa fica exposta ao idioma, de forma natural, a mensagens significativas do idioma e, gradualmente, a pessoa passa pelo processo de aquisição, que acontece naturalmente sem que a pessoa perceba, pois isso acontece pelo fato de ela estar exposta constantemente à língua. Para Mota (2008), os processos de aquisição e aprendizagem não se relacionam, e é por isso que mesmo que conheçamos uma determinada regra gramatical, nem sempre conseguimos aplicá-la corretamente ao usá-la em uma conversa ao usar a segunda língua.

Para estabelecer a diferença entre a aquisição simultânea e a aquisição sucessiva de duas línguas, diferença essa que achamos pertinente abordar no estudo da aquisição da L2, Figueiredo (1995) toma como apoio os estudos de McLaughlin (1983) e descreve que “a criança que adquire as duas línguas antes dos três anos de idade está adquirindo-a de uma forma sucessiva” (Figueiredo, 1995, p. 44), enquanto que a aquisição simultânea acontece quando os pais de uma criança falam línguas diferentes, e a criança tem que aprender ambas simultaneamente. Por outro lado, a aquisição sucessiva, se dá quando a criança e sua família se mudam para um lugar em que é falada uma língua distinta de sua L1, ou em casos em que a criança possua uma língua minoritária, em que aprendem a L1 no ambiente familiar e a L2 fora desse ambiente.

Krashen faz também uma diferença entre aquisição e aprendizagem de linguagem utilizando os termos consciente/inconsciente e formal/informal. No que diz respeito ao termo consciente, Krashen (1981) utiliza esse termo para se referir ao método de *aprendizagem* de uma L2, em que essa maneira ocorre de modo formal, ou seja, a L2 é adquirida no âmbito escolar, com instruções formais, em que se preocupa basicamente com regras gramaticais e com o fato de não cometer erros durante o processo de aprendizagem do novo idioma. Esse método acontece de forma consciente, tendo como lugar de aprendizado um ambiente artificial, em geral esse ambiente é a sala de aula.

Quanto aos termos informal e inconsciente, eles acontecem de forma natural, sem que haja um ambiente formal para que a pessoa adquira a L2. Esses termos estão associados ao modo de *aquisição* de uma L2, pois nesse contexto a pessoa está inserida no ambiente em que se falam a L2, estando em contato com nativos falantes do idioma que a pessoa está aprendendo.

Logo, a aquisição da língua ocorre de forma natural em que o aprendiz da L2 está em convívio diário com falantes nativos da língua (Figueiredo, 1995).

Para Figueiredo (1995), há alguns fatores que demonstram semelhanças e diferenças entre os processos de aquisição de uma L1 e de aquisição de uma L2. Esses fatores podem ser: a idade, a diferença entre as línguas (L1 e L2), a interferência de uma língua na outra e a ordem de aquisição de morfemas.

No fator idade, conforme Figueiredo (1995), existe uma crença popular de que jovens têm maiores chances de “sucesso” na aquisição de uma segunda língua, visão essa que é resultado da “teoria do período crítico”. Alguns autores argumentam que a aquisição de uma segunda língua em aprendizes adultos é fundamentalmente diferente da aquisição de uma primeira língua, porque os indivíduos são programados para adquirir a linguagem antes da adolescência. Segundo essa visão, adolescentes e adultos não são mais capazes de possuir as capacidades naturais da aquisição da linguagem da mesma forma que ocorre em uma criança.

Autores como Dulay, Burt e Krashen (1982) argumentam que há certa diferença entre crianças e adultos no que diz respeito ao desempenho fonológico, "[...] the L1 does have one significant influence on the L2, particularly for adults, and that is seen in the learner's pronunciation. [...]" (Dulay, Burt e Krashen, 1982, p. 111). Ou seja, há uma certa influência fonológica da L1 na L2, no entanto, essa influência não interfere muito na comunicação do aprendiz, pois o que pode ocorrer é a presença do sotaque de quem já falava uma L1 na L2 que está aprendendo, o que não chega a impedir a comunicação. Algumas pesquisas mostram que as crianças têm mais sucesso na pronúncia de uma L2 do que um adulto pois, a partir de uma certa idade, aprender uma L2 e ter o sotaque como de um falante nativo é quase impossível (Figueiredo, 1995).

Já no fator de diferenças entre as línguas, aprender uma L2 que seja parecida com uma L1 facilita bastante o processo de aquisição da língua, enquanto aprender línguas com diferenças muito significativas dificulta muito esse processo.

Sobre a interferência de uma língua na outra, Figueiredo (1995) destaca que é importante levar em consideração a influência da L1 na L2, pois as regras e os hábitos da L1 podem interferir na L2, levando o aprendiz a cometer erros. Isso ocorre porque o aprendiz tende a usar a L1 como referência ao tentar usar a L2.

No contexto da aquisição de segunda língua em ambiente não nativo, é evidente que diversos fatores podem influenciar o processo de aquisição de uma L2. Este capítulo teórico proporcionou uma compreensão desses elementos, destacando a complexidade e a interação entre eles. No próximo capítulo será apresentada a metodologia adotada nesta pesquisa,

esboçando as abordagens utilizadas para investigar as dinâmicas da aquisição de uma L2 em contextos não nativos.

4 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Para este estudo, foi utilizada uma abordagem metodológica qualitativa de cunho etnográfico, que, conforme Lükde e André (1986), conceituam a etnografia como “ciência da descrição cultural”, ou seja, é o estudo de um determinado grupo, podendo ser em seu ambiente natural ou fora dele, levando em consideração seus comportamentos, suas crenças, sua língua etc. Este tipo de pesquisa pode ser feito de formas variadas, como cita Lükde e André “[...] envolve pressupostos específicos sobre a realidade e formas particulares de coleta e apresentação de dados.” (Lükde e André, 1986, p. 15).

Além disso, neste trabalho foram realizados primeiramente um estudo bibliográfico, em seguida o levantamento de dados, a aplicação de questionário, a análise dos dados coletados e por fim os possíveis resultados, ou seja, possui características de uma pesquisa exploratória, pois, apresentam algumas etapas necessárias para chegar até os possíveis resultados, como cita Nascimento (2016):

Os exemplos mais conhecidos de pesquisas exploratórias são pesquisas bibliográficas e os estudos de caso. São empregadas para: Levantamento/estudos bibliográficos; análise de exemplos que auxiliem a compreensão do problema; levantamento e entrevistas com pessoas envolvidas com o problema objeto de pesquisa; [...] (Nascimento, 2016, p. 4)

Partindo desse conceito, é possível notar que esse tipo de pesquisa possui grande relevância para a pesquisa científica, uma vez que ela dá possibilidades para outros estudos, além de fazer com que haja uma proximidade do pesquisador com seu objeto de pesquisa, já que, o pesquisador vai a campo realizar a entrevista, ou realiza de forma online, mas sempre tendo um contato direto com o informante.

Inicialmente, foi realizado um mapeamento, isto é, um levantamento para definir qual seria o perfil dos informantes para a coleta de dados e a definição do local onde seria feito o estudo. Ficou, portanto, definido que os informantes deveriam ser imigrantes japoneses que vieram para o Brasil, descendentes desses imigrantes e japoneses filhos de japoneses com brasileiros, isto é, pessoas que tiveram que aprender tanto o português quanto o japonês para poder se adaptar ao lugar em que está inserido. Nesse segundo momento, foi definido também

que este trabalho buscaria mostrar a diversidade linguística-cultural no estado do Pará, especificamente a mescla da cultura japonesa com a paraense no estado.

O próximo passo para o seguimento da pesquisa foi a preparação do questionário, que para Vieira (2009):

Questionário é um instrumento de pesquisa constituído por uma série de questões sobre determinado tema. O questionário é apresentado aos participantes da pesquisa, chamados respondentes, para que respondam às questões e entreguem o questionário preenchido ao entrevistador, que pode ser ou não o pesquisador principal. [...] (Vieira, 2009, p. 15)

Conforme a autora cita, através do questionário é que será feita a coleta de dados, à qual serão acrescentadas perguntas referentes ao tema proposto e visando encontrar dados que comprovem as teorias estudadas. Assim sendo, o questionário elaborado para esta pesquisa, iniciou com perguntas referentes ao perfil do informante, ou seja, relacionado à identificação do respondente, como por exemplo: nome completo, escolaridade, ocupação/profissão, cidade de nascimento e contato. Após essas perguntas iniciais vem as perguntas referentes à aquisição da linguagem como a pergunta número 04 que diz “De que forma você aprendeu a segunda língua? Quantos anos você tinha? Foi de maneira formal, na escola? Ou de outra forma? Qual?”. E por fim, perguntas voltadas para a cultura, como “Existe alguma coisa da cultura japonesa que você sente falta no Brasil?”, isto é, foram elaboradas perguntas voltadas para essa relação das duas línguas e culturas distintas.

Pelo fato de ser uma pesquisa qualitativa, as perguntas foram caracterizadas como questões abertas. Como cita Lira “[...] A pesquisa qualitativa é sempre descritiva, pois, as informações que forem obtidas não são quantificadas necessariamente, mas interpretadas” (Lira, 2014, p. 26), nesse tipo de pesquisa não é levada em consideração a quantidade de dados e sim o conteúdo coletado, por isso, foram priorizadas questões abertas que conforme Lira (2014) diz que são perguntas que dão possibilidade, ao destinatário, de emitir opiniões e julgamentos, assim dizendo, o que é importante para este tipo de pesquisa é o ponto de vista do informante.

Logo depois de preparar o questionário, foram realizadas as entrevistas. Previamente, os pesquisadores entraram em contato com os possíveis informantes, através de pessoas conhecidas e assim ocorreu esse primeiro contato, o qual, houve uma conversa primeiramente, em que os entrevistados foram informados a respeito do que se tratava a entrevista, qual sua

finalidade e como ocorreria, para que o respondente se sentisse à vontade para participar ou não da pesquisa.

Assim, as entrevistas foram realizadas no período de 08 a 27 de junho de 2024 e aconteceram de duas formas: por telefone e presencialmente. Na primeira forma, a entrevista ocorreu por meio de um aplicativo de celular que permite ser realizada tanto chamada de vídeo quanto de áudio, que durante a entrevista, o entrevistador mesmo de forma online, manteve o contato visual com o respondente, porém, foi registrado somente o áudio da entrevista. Essa forma ocorreu, visto que, haviam dificuldades para ir até a cidade do informante, como diz Vieira (2009) muitos pesquisadores têm preferido fazer o questionário por telefone, justamente pelas dificuldades de se locomover para realizar a autoaplicação. Já na segunda forma, o entrevistador conseguiu ir até o informante e conversar frente a frente com o respondente, que segundo Vieira “[...] A vantagem dos questionários feitos por meio de entrevistas, em relação aos questionários de autoaplicação é o fato de ser possível explicar as questões mais difíceis ao respondente” (Vieira, 2009, p. 22). Desse modo, a entrevista ocorreu de forma semiestruturada, conforme Vieira (2009):

Nas entrevistas semiestruturadas e nas entrevistas em profundidade, não se faz uso de questionários nem de Estatística, porque são pesquisas qualitativas. Por conta disso, entrevistador e entrevistado podem conversar mais livremente. Recomenda-se apenas que o entrevistador siga um roteiro e receba, por escrito, as instruções que deve ler ao entrevistado. (Vieira, 2009, p. 22)

Dessa forma, a entrevista foi realizada com 4 (quatro) informantes e aconteceu de modo mais livre e tranquila e eles se sentiam à vontade para responder o questionário. Além disso, o entrevistador adaptava algumas perguntas que estavam no roteiro, pois, havia informações que os respondentes contribuíam em apenas uma pergunta, e não havia a necessidade de perguntar algo que eles já tinham respondido.

Assim, a entrevista se sucedia de acordo com a necessidade, ademais, todas as entrevistas foram gravadas em áudio variando entre 25 à 45 minutos e em seguida foram transcritas de acordo com a tabela de convenções utilizadas na tese de doutoramento de Ancã (1990), para servirem como fonte de dados para esta pesquisa, contudo, a identidade dos informantes foi preservada e para isso foi utilizado I para nomear o informante e E para nomear o entrevistador, além disto, os informantes foram enumerados em 1, 2, 3, e 4, de modo que facilitasse a compreensão do leitor.

Tabela 1: Convenções utilizadas na transcrição das entrevistas

/	Pausa breve
//	Pausa longa
⋮	Prolongamento
()	Incompreensível
(o aluno)	Provável
ATIVIDADE	Ênfase
[alguém interrompe]	Comentário do transcritor

Fonte: Ançã, 1990.

5 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

No que diz respeito ao processo de aquisição e aprendizagem de uma L2, é importante destacar que esses dois métodos ocorrem de formas distintas. A primeira, de forma natural e a segunda, de maneira formal, a qual requer uma pessoa que ensine as regras daquela determinada língua, como cita Figueiredo (1995):

Podemos, pois, concluir que a aquisição de L2 ocorre em um ambiente informal, sendo um processo inconsciente, automático e que não requer correção de erros. Em contrapartida, a aprendizagem de L2 é um processo consciente controlado; é ajudado pela correção de erros, e ocorre em ambiente formal (a sala de aula) (Figueiredo, 1995, p. 45).

Posto isso, trouxemos três trechos das entrevistas, em que, podemos destacar esses conceitos. Os dois primeiros trechos são do informante 2, que nasceu no Japão e veio para o Brasil ainda criança, o informante relata que sua família veio ao Brasil no período após a Segunda Guerra Mundial, e por conta disso, enfrentaram algumas dificuldades ao chegarem nesse novo país, já que, precisavam se comunicar com os demais trabalhadores do local. Então o informante adquiriu sua segunda língua de forma natural, tendo pouco acesso a escola e isso pode ser observado em sua fala, como a conjugação dos verbos e a troca do singular e plural. Já o terceiro trecho, refere-se à resposta do informante 1, que é descendente de japonês nascido no Brasil, por isso, sua L1 foi o português e o japonês foi sua L2, já que, aprendeu somente após aprender o português, e isto ocorreu em uma escola Nipo Brasileira.

21.E:	Mas a senhora fala muito bem, assim, porque se nunca estudou a Língua Portuguesa, a senhora aprendeu no seu dia a dia, então?
22.I2:	Meu dia a dia porque nós <i>samo</i> 19 <i>família</i> , de outra pessoa tudo, mas foi muito sofrido / muito / já veio pobre porque lá no Japão, é / perdeu guerra () e colocou pra

	fora do Japão, né? / porque o Japão é desse tamanho [descreveu o Japão com um gesto dizendo que é um país muito pequeno]. / Então meu pai tinha muita vontade de trabalhar em terra grande e tinha esse / é o governo chamando (), não era só aqui, em vários lugares / aí começou a imigração japonesa.
--	---

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 2.

30.I2:	[...] A gente / é / muita gente não estudou, mas pouco a pouco todo mundo foi andando, estudando e eu não tinha condição de / na época muito ruim de todo mundo pobre, aí papai pedia pra gente se eu sair de / assim, porque eu aprendi o português mais rápido / não o correto, né! / mas o papai tinha que usar trabalhador e ter que explicasse, por exemplo “Zé, hoje tu vai fazer isso, isso e isso pra papai, Antônio, tu vai fazer isso e isso” / Aí eu fui pequeno, 10 <i>ano</i> mas fui aprendendo. [...]
--------	--

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 2.

54.I1:	Então, mas / é interessante porque / quando eles davam aula para a gente / ensina / os dois primeiros não tem problema mas o terceiro caractere que é o <i>kanji</i> , ele contava historinhas / como que é rio? / então, o rio é assim / então a palavra que quer dizer rio é assim!
55.E:	É muito icônico né?
56.I1:	O sol / o sol é assim.

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 1

Levando em consideração as respostas dos informantes, fica claro que o informante 2 se adequa ao conceito de aquisição, pois adquiriu a L2 de modo informal, no convívio e de forma inconsciente, já que, havia a necessidade de se aprender essa segunda língua, para ajudar sua família durante todo o período de adaptação ao novo país. Já o informante 1 pode ser relacionado à aprendizagem, visto que, adquiriu a L2 em uma escola, de modo consciente e formal, uma vez que, a forma como aprendeu a segunda língua foi em uma escola, a qual havia métodos de ensino, como o informante relata que foi através de histórias.

Sobre a aquisição sucessiva, foi possível identificar que esse processo ocorreu com os informantes 2 e 3, pois o informante 2 nasceu no Japão e veio para o Brasil ainda criança e durante a viagem o informante contou que no navio havia uma pessoa que ensinava pelo menos o básico da Língua Portuguesa para que quando chegassem ao Brasil pudessem ter uma

comunicação básica. Para isso lhes foram ensinadas as saudações (bom dia, boa tarde, obrigado etc.). Além disso, quando o informante chegou ao Brasil, frequentou uma escolinha na colônia onde residia, então, em casa convivia com a língua japonesa e na escola aprendia a língua Portuguesa, isto é, para aprimorar a sua comunicação no novo país.

Já o informante 3, nasceu no Japão, porém sua mãe é brasileira e seu pai é descendente de japonês nascido no Brasil, com isso, mesmo morando no Japão e por conta do convívio com a família, passou a ter mais contato com a língua Portuguesa e na escola aprendia o idioma Japonês, ou seja, o informante tinha contato tanto com sua L1 quanto com sua L2, desse modo, ambos os informantes adquiriram a sua L2 de forma sucessiva, como pode ser destacado nos dados:

25.E:	Então, já que a senhora nasceu no Japão, a sua língua materna é o japonês, certo?
26.I2:	Certo.
27.E:	E além dela, a senhora fala o português, que a gente tá aqui conversando, né? / a senhora aprendeu quando chegou aqui no Brasil?
28.I2:	Sim, dentro do navio, porque a gente gastou 46 ou 5 <i>dia</i> . / Dentro do navio tinha um japonês assim, era rapaz, mas ele ensinou pra gente <i>pero</i> menos é bom dia, boa tarde, boa noite e obrigado, com <i>ricença</i> , essas <i>palavra</i> a gente aprendeu lá no navio, dentro do navio.

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 2.

30.I2 :	[...]. / Mas eu estudei um pouquinho na <i>corônia</i> que tinha uma, um depósito grande, aí veio uma senhora é Iraci Moreira, cuidar de ensinar a gente / aí de primeiro até sexta série a gente estudou todo mundo assim só de manhã, só aquilo () ah, quando a gente sair de casa eu fico paradinho porque não sabe falar português e assim foi. /
------------	--

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 2.

22.E:	Mas / qual foi a primeira língua que tu aprendeu a falar?
23.I3:	Eu aprendi o Português. / o português.
24.E:	Ah, tá! Mas / o japonês / tu aprendeu como?
25.I3:	Assim / Algumas palavras () / Então, algumas palavras, tipo / palavras soltas, tipo / obrigado, desculpa / foi no convívio, mas, o aprender mesmo de ler e escrever / foi quando eu entrei na escola.

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 3.

A partir desses dados, podemos constatar que tanto o informante 2 quanto o 3 adquiriram a sua L2 de forma sucessiva, pois, os dois moram em um país o qual não fala sua primeira língua. Com isso, tiveram que aprender a L2, especificamente de modo formal na escola, para que pudessem se comunicar e utilizar tanto a L1 quanto a L2, isto é, tanto no convívio familiar, quanto em sociedade. É notável também na fala do informante 2 que há aspectos em sua fala que evidenciam a influência da língua japonesa no português como a troca do l pelo r em algumas palavras, ou seja, é algo referente ao seu sotaque que mesmo tendo acesso a escolarização básica, não houve um aprofundamento das regras gramaticais de sua L2, em outras palavras, o aprendizado da L2 foi somente para atender a sua realidade que era aprender a se comunicar em um outro país de língua diferente.

Em relação ao uso das duas línguas (japonês e português) é notável que os descendentes de japoneses que moram no Brasil ou que tiveram o primeiro contato com a Língua Portuguesa, passaram a utilizar mais o português do que o idioma japonês, visto que, moram em um país onde a língua oficial é o português e por isso precisam falar mais esse idioma para que possam se comunicar e conviver socialmente, seja na escola, trabalho ou no convívio com outros brasileiros. Entretanto, o idioma japonês vai sendo menos utilizado por essas pessoas, por isso o seu uso acaba sendo reduzido e quase não o utilizam. Segundo Abreu “[...] Hoje, depois de mais de noventa anos do início da imigração japonesa no Pará, muitos descendentes já não falam mais a língua japonesa, ou a aprendem como segunda língua.” (Abreu, 2022, p.57)

Desse modo, foi possível constatar essa afirmação durante as entrevistas, pois, de quatro pessoas entrevistadas apenas uma tem o japonês como L1, os demais afirmaram ter aprendido primeiro o português e só depois o japonês. E sobre os descendentes que quase não utilizam o idioma japonês, podemos observar que isso de fato está ocorrendo, quando é perguntado ao informante:

81.E:	E assim, as gerações / como é que você vê / que tá a questão da língua? Da língua e da cultura / assim / eles mantêm, eles ensinam / os jovens se interessam em aprender?
82.I1:	Não.
83.E:	Tá se perdendo né?
84.I1:	Tá se perdendo / algumas famílias ainda mantêm algumas coisas / mas a geração já dos netos é complicada né / é diferente, eles nem aceitam tanto assim, sabe? Então,

	tem algumas senhoras aqui que a gente conhece que já / entendem o português, elas não conseguem falar, porque os netos só falam em português com elas.
--	--

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 1

Após observar as respostas do informante 1, é possível constatar que esse desuso da língua japonesa pode atrapalhar no convívio familiar, uma vez que, a geração dos mais idosos que não aprenderam a falar português fluentemente terão dificuldade para compreender o que os mais novos estão dizendo, já que falam somente o português, isto é, prejudica a comunicação entre os falantes.

Outro ponto observado durante as entrevistas foi a dificuldade de se aprender uma segunda língua em que seja totalmente diferente da língua materna. É notável que a Língua Portuguesa é uma língua bastante diferente da língua japonesa, pois, o português possui o alfabeto, com suas consoantes e vogais, já o idioma japonês é escrito com caracteres ou símbolos. Para Figueiredo “As línguas podem ser semelhantes ou diferentes na fonologia, gramática, vocabulário, grafismo, etc.” (Figueiredo, 1995, p. 42). Além do mais, o autor diz também que “Aprender uma L2 que seja parecida com a L1 não é o mesmo que aprender uma língua que seja totalmente diferente” (Figueiredo, 1995, p.41) e isso pode ser constatado na fala dos informantes 3 e 4 quando lhes é perguntado a respeito dessa diferença entre as duas línguas:

53.E:	E assim / Você acha que existe alguma semelhança entre a língua portuguesa e a língua japonesa? Ou não? Totalmente diferente.
54.I3:	São totalmente diferentes. Totalmente / porque é / por exemplo, o português e o espanhol têm palavras que são parecidas, a escrita, / mas o japonês é / tipo assim, literalmente, outra coisa assim, parece códigos, / outra coisa.

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 3.

42.I4:	Isso, por ser uma língua que totalmente não tem nada do português, nem na escrita, né, que é o alfabeto nosso, então eu achei muito difícil no começo, só que eu sempre fui muito / é / curiosa à coisas, assim, do mundo, de modo geral, geograficamente falando, quando criança, então, eu procurei sempre falar, tentar falar quando tinha oportunidades, assim, por exemplo, ao telefone, né, que eu tentava falar, mesmo não sabendo, mesmo com minha timidez, eu sempre procurei falar palavras difíceis tipo, assistindo notícia, né, era uma criança um pouco adulta.
--------	---

Fonte: Entrevista. Resposta do informante 4.

Após obter essas respostas, fica nítido que essa diferença de uma língua para outra pode dificultar o processo de aprendizagem de uma L2, porém, não é um empecilho, já que, o aprendizado de uma L2 depende de muitos outros fatores, como cita Figueiredo:

Portanto, a idade do indivíduo é um dos fatores que influenciam o modo como se aprende uma segunda língua. Mas, as oportunidades para a aprendizagem, a motivação para aprender e diferenças individuais são também fatores determinantes para um sucesso na aprendizagem. (Figueiredo, 1995, p. 41)

Sendo assim, podemos identificar na resposta da informante 4 que houve essa dificuldade, entretanto, a curiosidade foi um dos fatores que contribuiu para o aprendizado da L2, ou seja, houve uma motivação para que a ajudasse em seu processo de aprendizagem, que no caso dela foi o fato de ser uma criança curiosa.

Dessa forma, após analisar os relatos dos informantes e comparar com as teorias estudadas, podemos concluir que o processo de aprendizado de uma L2 pode ocorrer de formas variadas, tanto no convívio com uma determinada língua (processo de aquisição) quanto de modo formal em uma escola (processo de aprendizagem). Ademais, outros fatores podem influenciar e motivar o aprendizado de uma L2, como por exemplo o convívio com a família em que reside em outro país e fala outra língua. É importante destacar também que tanto uma L1 quanto uma L2 dependendo do uso recorrente pode sobressair à outra, já que, a língua precisa estar sempre em uso para não ser esquecida, assim, conclui-se que as teorias de ensino e aprendizagem podem ocorrer em diversas línguas, que nesse estudo, foi destacado nas línguas Portuguesa e Japonesa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu a investigação do processo de aquisição de uma L2, que, como foi destacado nas análises, pode ocorrer por diversos fatores como: ambiente em que está inserido, a motivação e a exposição à língua-alvo. No primeiro fator, podemos destacar os informantes 2 e 3, os quais, moram em um país que não fala sua L1, e por isso tiveram que conviver tanto com o Português quanto com o Japonês. Além do mais, outro fator a ser levado em consideração é a motivação, já que o indivíduo precisa ter um estímulo para adquirir uma L2, que no caso dos informantes 1 e 4 tinham contato tanto em casa por terem familiares descendentes de japoneses, quanto por viajarem para o Japão e precisar usar a língua japonesa

para se comunicarem, por isso, houve uma exposição a língua-alvo, já que os falantes tiveram que pôr em uso aquilo que muitas vezes só viam nas aulas na escola.

Outro ponto a ser destacado neste trabalho são as dificuldades de se aprender uma L2 totalmente diferente da L1, que possui escrita e pronúncia totalmente diferentes, como o Português e o Japonês. A língua portuguesa é representada pelo alfabeto latino e o japonês tem uma escrita mais voltada para símbolos, caracteres que representam determinada coisa, por isso, há de certa forma uma dificuldade no processo de aquisição dessas línguas sendo L1 e L2.

Além disso, foi verificado que há um problema em relação ao uso das duas línguas, pois, as gerações mais novas, descendentes de japoneses nascidos no Brasil, passaram a ter mais contato com o português do que com o japonês e por este motivo, foram perdendo o hábito de estudar e falar o idioma japonês, o que dificultou a comunicação com os seus familiares mais idosos, que falam somente o japonês ou só o nível básico da língua portuguesa como as saudações básicas que são: Bom dia, boa tarde, por favor, obrigado, etc.

Partindo disso, podemos perceber que essa falta de contato com a língua materna de seus familiares atrapalha na sua comunicação com os demais familiares falantes de outra língua, para isso, seria interessante que tanto quem tem o português como L1, quanto quem tem o japonês como L1 pudesse se aproximar mais de sua L2 e aprimorar seu conhecimento sobre a língua para facilitar o uso dela em determinados ambientes, o que ajudaria na sua comunicação.

Outrossim, é possível afirmar que a pesquisa etnográfica requer uma aproximação maior entre o pesquisador e o seu objeto de pesquisa, e em relação a isso, enfrentamos algumas dificuldades como por exemplo, conseguir informantes que possuem o Português como segunda língua, já que os respondentes descendentes de japonês possuem a língua portuguesa como língua materna, com isso, a maioria dos informantes tem o português como L1 e o japonês como L2.

Para mais, outro ponto em que encontramos dificuldades foi durante a realização da entrevista, pois havia informante que morava em outro estado e informante que morava no Japão, por este motivo a entrevista ocorreu de forma online. Entretanto, é importante destacar também pontos positivos que a pesquisa proporcionou como por exemplo, mostrar que a cultura japonesa está cada vez mais presente no Brasil, seja na culinária, no esporte, em nomes de empresas ou até mesmo em festivais. E essa cultura vem crescendo gradativamente e fazendo parte do cotidiano dos brasileiros, em especial, dos paraenses, isto é, essa cultura vem contribuindo para a diversidade linguística e cultural do Pará e de modo geral para o Brasil.

Assim, é notável que há poucos estudos referentes ao processo de aquisição de uma L2, assim sendo, buscamos com esta pesquisa contribuir com esses estudos, para que a partir deste

trabalho possam vir novas pesquisas relacionadas a esse assunto, que possui grande relevância, já que estuda o processo de aquisição de uma segunda língua. Além de explorar o processo de aquisição de uma L2, este trabalho também aborda questões históricas, sociais e culturais, revelando a rica diversidade linguística e cultural do Brasil e a interação entre suas múltiplas culturas.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ineia Damasceno. A comunidade japonesa e sua trajetória na construção da diversidade linguística e cultural no Pará. *In: PESSOA, Maria do Socorro. (coord.). Percursos de Educação Linguística: Uma homenagem a Maria Helena Ançã*. Aveiro: UA Editora, 1ª edição – maio 2022.

ANÇÃ, M. H. (1990). **A expressão do Tempo e do Aspecto**. Ensino/Aprendizagem do Português, Língua Materna. [Tese de doutoramento inédita]. Universidade de Aveiro.

AZEVEDO, Leuhra Fields Regis de. **O ensino formal de português brasileiro como língua materna: reflexões sobre os conceitos de Stephen Krashen**. Brasília – DF, 2017.

CONSULADO DO JAPÃO EM BELÉM. II Festival Brasil Japão. Nos dias 29/05 a 01/06, foi realizado com sucesso [...] Salinópolis, PA, 11 jun. 2024. 1 imagem. Instagram: @consuladodjapaobelém. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C8FWBjIO6J3/?igsh=MXJvbWlweHczZjRvMQ==>. Acesso em: 22 jul. 2023.

DULAY, H. C., BURT, M., KRASHEN, S. **Language two**. New York: Oxford University Press, 1982.

FIGUEIREDO, Francisco José de. **Aquisição e aprendizagem de Segunda Língua**. *Signótica* 7:39 – 57, Jan/Dez. 1995.

HITOTUZI, Gabriel França. **A imigração japonesa na Amazônia e as mesclas culturais existentes na sociedade manauara**. Manaus-AM, 2019.

HOMMA, A. K. O. **A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola (2ª)**. Embrapa, 2016.

KRASHEN, S. D. **The input hypothesis: issues and implications**. Harlow: Longman, 1985.

LIMA, Daniel Ribeiro de. **A teoria de Krashen e a aquisição da segunda língua**. Vol 1, 2011 – ISSN: 2236- 2061, Sergipe, 2011.

LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. 2º edição- Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora EPU, 1986.

MENEZES, Leonarda Jacinto. **Plurilinguismo, Multilinguismo e Bilinguismo: Reflexões sobre a realidade Linguística Moçambicana**. Percursos Linguísticos, [S. l.], v. 3, n. 7, p. 81–91, 2013.

MEYER, Rosa Marina de Brito. Estudos em PL2E no Brasil: Trajetórias e Tendências. *In Ensino de português do Brasil para estrangeiros: Internacionalização, contextos e práticas* / Org. Alexandre do Amaral Ribeiro. Rio de Janeiro: Epublik, 2016.

MOTA, Mailce Borges. **Aquisição de Segunda Língua**. UFSC, 2008.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do. **Classificação da pesquisa. Natureza, Método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos**. Brasília: Thesaurus, 2016.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. **As línguas brasileiras e os direitos linguísticos**. ((Ed.)). IPOL, 2003.

OLIVEIRA, Gilvan Muller de. **Plurilinguismo no Brasil: repressão e resistência linguística**. Synergies *Brésil*. Nº 7 – 2009, p. 19 – 26.

NAVIO Kasato Maru. *In: Imigração Japonesa: Museus, História e Depoimentos*. [NSP Hakkosha] Disponível em: <https://www.imigracaojaponesa.com.br>. Acesso em: 8 jun. 2024.

SAITO, Cecília Noriko Ita. **O imigrante e a imigração japonesa no Brasil e no Estado de Goiás**. Revista UFG / julho, 2011 / Ano XIII nº 10.

SÃO Gabriel da Cachoeira (AM). In IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: [gov.br] Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/sao-gabriel-da-cachoeira.html>. Acesso em: 7 jun. 2024.

SILVA NETO, Francisco Rodrigues da. **Os japoneses, no Pará, um estudo sobre a construção de identidades**. Belém, 2007.

TAKAHASHI, F. (2008, June 18). **Em busca da ‘árvore de ouro’**. Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj1806200818.htm>.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários**. Editora Atlas S.A. São Paulo, 2009.

8 ANEXOS

8.1 ROTEIRO DA ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE

- Nome completo:
- Ocupação/profissão:
- Escolaridade:

- Contato: (para futuras perguntas ou esclarecimentos)
- Em qual cidade e país você nasceu?

Sobre a aquisição da(s) língua(s)

01. Qual sua língua materna?
02. Além dela, você é fluente em outra língua? Qual/quais?
03. O que motivou você a aprender essa língua?
04. De que forma você aprendeu a segunda língua? Quantos anos você tinha? Foi de maneira formal, na escola? Ou de outra forma? Qual?
05. Se nasceu no Brasil (língua materna Português), como é o seu contato com a Língua Japonesa?
06. Se nasceu no Japão (língua materna Japonês), quando se mudou para o Brasil?
07. Quais dificuldades você enfrentou no processo de aquisição/adaptação da segunda língua? O que você achou mais difícil de aprender (gramática, pronúncia, vocabulário, outro)?
08. De que modo aprender a segunda língua te ajudou em sua inserção na sociedade (trabalho/educação/socialização/comércio)?
09. Quando você chegou ao país da segunda língua, quais foram as suas primeiras impressões?
10. Você acha que existe alguma semelhança entre a LP e o japonês?

Sobre a cultura:

01. O Brasil e o Japão são países com língua e cultura bem diferentes. Cada país com sua riqueza linguística e cultural apresenta especificidades únicas. O Brasil, com uma variedade linguística que o torna, às vezes, difícil para um estrangeiro/imigrante entender; o Japão, por exemplo, com seus alfabetos totalmente diferentes do brasileiro. Com relação à cultura, os dois países também têm sua riqueza. Aqui no Pará, percebemos a influência da língua japonesa e de sua cultura em diversos momentos. Um exemplo é a culinária japonesa tão apreciada pelos brasileiros. Com relação à cultura japonesa e sua relação com a cultura brasileira:

- a) Que outros aspectos da cultura japonesa você poderia usar como exemplo para ilustrar tradições japonesas que são mantidas aqui no Brasil?
- b) Existe alguma coisa da cultura japonesa que você sente falta no Brasil?
- c) Tem algum aspecto da cultura brasileira de que você gosta? Qual/quais?